

**INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CURSO SUPERIOR DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

NATALIA ALVES MORATTI

A EVASÃO NO ENSINO SUPERIOR: UMA ANÁLISE TEÓRICA

**COLATINA
2022**

NATALIA ALVES MORATTI

A EVASÃO NO ENSINO SUPERIOR: UMA ANÁLISE TEÓRICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenadoria do Curso de Licenciatura em
Pedagogia do Instituto Federal do Espírito Santo –
Campus Itapina, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof. D.Sc. Filício Mulinari e Silva

COLATINA

2022

(Biblioteca do Campus Itapina)

M831e Moratti, Natália Alves.

A evasão no ensino superior: uma análise teórica /
Natália Alves Moratti. -2022.
32 f..

Orientador: Filício Mulinari e Silva

TCC (Graduação) Instituto Federal do Espírito
Santo, Campus Itapina, Licenciatura em Pedagogia,
2022.

1. Educação. 2. Ensino superior. 3. Evasão
escolar. I. Silva, Filício Mulinari e. II. Título III.
Instituto Federal do Espírito Santo.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR
INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CAMPUS ITAPINA
Rodovia BR-259, Km 70, Zona Rural, Colatina, CEP 29709-910
Tel (27) 3723-1221 Fax (27) 3723-1244

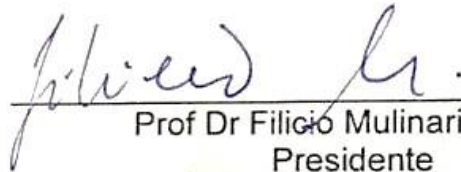
CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

Licenciatura em Pedagogia

Autora: Natalia Alves Moratti

Orientador: Prof Dr Filício Mulinari e Silva

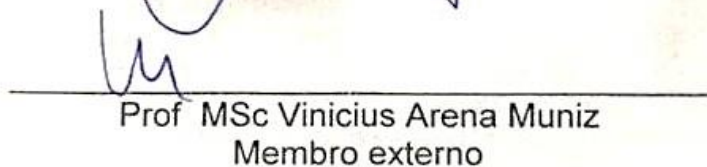
Aprovada pela Banca Examinadora como parte das exigências do componente curricular de Monografia II, para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia pelo Instituto Federal do Espírito Santo, *Campus Itapina*.



Prof Dr Filício Mulinari e Silva
Presidente



Prof Especialista Victor Anequim Guimarães
Membro interno



Prof MSc Vinicius Arena Muniz
Membro externo

Colatina (ES), 03 de fevereiro de 20 20.

AGRADECIMENTO

Agradecemos a Deus por ter dado a oportunidade de realização de um sonho, sendo o principal alicerce, dando o profissionalismo necessário.

Ao meu orientador, que abdicou de horas de seu trabalho e vida pessoal para o desenvolvimento dessa pesquisa, doando sua sabedoria com muito afeto, o fazendo assim, a pessoa que mais tenho gratidão.

Aos meus pais pelos conselhos e por não me deixarem desistir nos momentos difíceis vividos até aqui. Por serem exemplos de vida e determinação.

Aos meus professores, que ao longo do curso foram de total importância no processo de ensino, onde souberam compartilhar o conhecimento com muito amor e carinho.

Aos meus amigos, que souberam aceitar os momentos de ausência, sendo fundamentais no apoio do decorrer de todo o tempo.

RESUMO

Um dos pontos mais importantes para o desenvolvimento de um país é o nível de escolaridade da população. A busca por uma melhor inserção no mercado de trabalho gera uma grande procura por cursos superiores. Contudo, muitos alunos acabam abandonando o ensino superior antes de sua conclusão, fazendo da evasão discente um tópico impactante nos fatores de mensuração educacionais. A desistência dos estudantes representa desperdícios sociais, acadêmicos e econômicos, tanto para o aluno evadido e quanto para as Instituições de Ensino Superior Públicas. Devido ao percentual considerável de trancamentos e desistências nos cursos universitários, despertou-se o interesse em realizar esta pesquisa. Com o objetivo de buscar uma compreensão mais ampla a respeito dos comportamentos de desistência ou permanência nos cursos superiores brasileiros, fez-se uso aqui da pesquisa bibliográfica como método de pesquisa, sobretudo em face da vasta quantidade de publicações a respeito do tema.

Palavras-chave: Educação. Ensino Superior. Evasão Escolar.

ABSTRACT

One of the most important for the development of a country's level of education of the population. The search for a better insertion in the labor market generates a high demand for courses, but many students end up leaving higher education before completion. The withdrawal of the students waste represents social, academic and economic, and escaped to the student primarily for higher education institutions. Due to the considerable percentage of dropouts and lockups in university courses, stirred up interest in carrying out this research. The drop in higher education has been a subject much studied, and in order to seek an understanding of the behavior of withdrawal or staying on these courses, we used the methodology of literature search. However, the institution concerned should seek to identify the controllable factors that lead to such events, with the aim of improving its programs and other factors that affect retention. For the author, this is the shortest path to the extinction of the avoidance of problems in higher education.

KEYWORDS: Education. Higher Education. School Dropouts.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

ACED – Associação da Cadeia Produtiva de Educação a Distância

IES – Instituições de Ensino Superior

MEC – Ministério da Educação

SEMESP – das Entidades Mantenedoras de Estabelecimentos de Ensino Superior no Estado de São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	O ENSINO SUPERIOR	9
2.1	HISTÓRICO DO ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO	10
2.2	O SISTEMA DE ENSINO SUPERIOR NO CONTEXTO ATUAL	12
3	EVASÃO UNIVERSITÁRIA	15
4	MOTIVOS QUE LEVAM OS ALUNOS A DESISTIREM DO ESTUDO	18
4.1	FATORES EXTERNOS QUE LEVAM A EVASÃO NO ENSINO SUPERIOR	18
4.2	FALHAS NA TOMADA DE DECISÃO EM RELAÇÃO AO CURSO	19
4.3	PROBLEMAS PESSOAIS	19
4.4	DIFICULDADES ESCOLARES	20
5	DESCONTENTAMENTO COM O CURSO	20
5.1	RAZÕES SOCIOECONÔMICAS	21
5.2	FATORES INTERNOS QUE LEVAM A EVASÃO NO ENSINO SUPERIOR	21
5.3	EXIGÊNCIA DOS PROFESSORES	22
5.4	REPROVAÇÃO EM UMA OU MAIS DISCIPLINAS	23
5.5	INFRA-ESTRUTURA	23
5.6	FALTA ASSISTÊNCIA AOS ALUNOS DE BAIXA RENDA	24
6	DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO ENSINO SUPERIOR	24
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
	REFERÊNCIAS	28

1 INTRODUÇÃO

Um dos pontos mais importantes para o desenvolvimento de um país é o nível de escolaridade da população. A busca por uma melhor inserção no mercado de trabalho gera uma grande procura por cursos superiores, porém muitos alunos acabam abandonando o ensino superior, antes de sua conclusão. A desistência dos estudantes representa desperdícios sociais, acadêmicos e econômicos, para o aluno evadido e também para as Instituições de Ensino Superior (IES), pois elas investem “equipando tecnicamente as elites profissionais e proporcionando ambiente propício às vocações, cujo destino, imprescindível à formação da cultura nacional, é o da investigação e da ciência pura” (SOUZA, 1991).

Devido ao percentual considerável de trancamentos e desistências nos cursos universitários, despertou-se o interesse em realizar esta pesquisa. A evasão no ensino superior tem sido um tema muito pesquisado, e com o intuito de buscar uma compreensão dos comportamentos de desistência ou permanência nestes cursos, optamos por utilizar a pesquisa bibliográfica como método de abordagem.

De acordo com Nunes (2005), os estudos apontam que as causas principais da evasão estão relacionadas em três dimensões, sendo: a) **Dimensão acadêmica**, expressa por dificuldades em disciplinas básicas, baixo aproveitamento em sala de aula, metodologia de ensino e a relação professor x aluno; b) **Dimensão financeira**, determinada pelo baixo poder aquisitivo, necessidade de financiamento, inadimplência, perda ou necessidade de emprego; e c) **Dimensão pessoal**, caracterizada pelo erro na escolha do curso, pelo não entendimento dos métodos pedagógicos e por quebra de expectativa em relação aos conteúdos estudados.

Para Kotler (1994), as razões para o desligamento parecem óbvias, como obrigações familiares, doença, problemas financeiros, falta de preparo acadêmico, desmotivação, desejo de trabalhar ou viajar, além de insatisfação com a IES. Entretanto, a instituição interessada deve procurar identificar os fatores controláveis que levam a tais eventos, com o objetivo de melhorar seus programas e outros fatores que afetam a retenção. Para o autor, este é o caminho mais curto até a extinção dos problemas de evasão no ensino superior.

2 O ENSINO SUPERIOR

Para se desenvolver e se formar, um indivíduo necessita da educação atuando em todos os aspectos de sua vida. A educação começa a atuar no âmbito familiar, segue se desenvolvendo na escola e se prolonga por toda existência. Através do processo de aprendizagem, o homem se torna crítico. Neste momento, nasce à autonomia individual de cada ser humano, de pensar e de desenvolver coisas novas. Ao longo de sua existência, o homem transforma a informação em conhecimento, adquire experiências e adapta seu comportamento às expectativas e exigências do meio social em que se encontra (SILVA, 2002).

A educação faz parte da vida do homem na sociedade, serve de guia para uma boa convivência social e o capacita para poder transmitir conhecimentos; é, portanto, fator principal na formação da sociedade. A educação está situada no coração do desenvolvimento do ser humano, fazendo frutificar os seus talentos e potencialidades criativas, o que implica a capacidade de cada um em responsabilizar-se pela realização do seu projeto pessoal (SILVA, 2002, p. 42).

Dentro do contexto da educação, o homem se mune de ferramentas intelectuais, capazes de acelerar as transformações materiais e espirituais exigidas pela dinâmica da sociedade, não se restringindo somente ao conhecimento sistemático adquirido dentro de uma instituição de ensino (BRANDÃO, 1985).

De acordo com Marx, a seleção de conteúdos é de extrema importância pedagógica, e tem que estar sempre voltada para os interesses sociais, históricos e culturais do estudante, para que as aulas sejam significativas e atraentes, que sirva para o despertar ideológico, conduzindo para o meio social como cidadão crítico, questionador e que passe a ser produtor de opiniões e ideais. A educação é o único caminho capaz para transformação humana social dos indivíduos, conduzindo-os para uma visão crítica, conscientizando e preparando-os para viverem em sociedade e assumindo a sua cidadania (BRANDÃO, 1985, p. 27).

Enquanto a escola se mantém atrasada sem nenhuma condição inovadora para competir com o mundo social fora da escola, torna-se difícil se reverter este quadro da evasão escolar, a não ser que o corpo escolar procure novas metodologias através da criatividade humana, didática e pedagógica. A escola possui sua parcela de responsabilidade juntamente com o apoio pedagógico e professor que precisam procurar ser mais criativos na apresentação de suas aulas, o mundo globalizado e a sociedade extraescolar estão à frente do desenvolvimento devido à urgência das ofertas e demandas sociais.

Freire (2001) afirma que durante toda a vida do indivíduo, o processo de aprendizagem é contínuo, não para com o tempo ou com o espaço; a educação é constante, independentemente de linha ideológica, posição política ou interesse econômico. O homem está sempre buscando inovações, e promovendo transformações; trocando conhecimentos no processo “aprender-ensinar-e-aprender”.

A educação é um processo de humanização, é o processo pelo qual se possibilita que seres humanos se insiram na sociedade humana, historicamente construída e em construção. A educação vem passando por modificações ao longo da existência da humanidade. Mas a nosso ver as transformações que mais chamam a atenção e exigem ações são as ocorridas nas últimas décadas (PIMENTA, 2002, p. 97).

Disso posto, tem-se que a presente pesquisa refere-se mais especificamente à educação de ensino superior ou universitária, que depende de condições especiais, como capacidade intelectual e cultural, e também de já ter vencido as etapas escolares do ensino fundamental e médio (SOUZA, 1991).

2.1 HISTÓRICO DO ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO

Em 1808, formam-se no Brasil os primeiros cursos superiores. Até este momento os brasileiros que quisessem cursar o ensino superior tinham que se deslocar para Portugal ou para outros países europeus. Em 1808, com a vinda da Família Real portuguesa para o Brasil, os cursos superiores foram estruturados em estabelecimentos isolados. Esse novo modelo de ensino não tinham o objetivo de formar para a teologia, pelo contrário, era voltado para a formação profissional prática e não mais teórica (SANTOS, 2003).

Esta educação superior não veio para o Brasil sem nenhum intento, havia interesses políticos e econômicos por parte do rei; havia grande preocupação em formar burocratas para o Estado, especialistas na produção de bens simbólicos e profissionais liberais (SANTOS, 2003, p. 43).

Ter pessoas educadas e manter o Brasil como colônia, subserviente a Portugal, era a intenção dos colonizadores portugueses, de modo que fosse possível evitar qualquer possibilidade do país se tornar independente. O maior interesse era atender ao consumo das classes dominantes, por isso se criavam cursos superiores de acordo com as necessidades de profissionais para a colônia.

Masetto (2008) afirma que o ensino superior brasileiro teve como fundamento o modelo da educação européia. A educação superior foi fundamentada grande parte, também, na universidade francesa, com as características da escola autárquica, com a supervalorização das ciências exatas e tecnológicas e, por conseguinte, a desvalorização da filosofia, da teologia e das ciências humanas. Sendo assim, os cursos superiores desde seu início buscaram formar profissionais para exercer determinada profissão em uma área específica. Consequentemente, o currículo era seriado e voltado apenas para disciplinas que estavam ligadas ao exercício daquela profissão, que era a escolhida.

De acordo com Ferreira e Castro (2006), por volta de 1900, foi instituída a primeira universidade brasileira, conhecida atualmente como Universidade Federal do Rio de Janeiro. O ensino superior desta época formava seus acadêmicos por meio da transmissão de conhecimentos e os professores eram normalmente formados nas universidades européias. Para ensinar bastava se valer do domínio de conteúdos a ser transmitido. Contrapondo-se a esta idéia de transmissão de conhecimento, conhecimento não é doença para ser transmitido [...] é sim um conteúdo precioso a ser construído e lapidado infinitamente (FERREIRA; CASTRO, 2006, p. 209).

Este modelo tradicional durou até 1970, e mesmo após cento e sessenta e dois anos de fundação das universidades brasileiras, não mudou quase nada, exigindo dos professores somente bacharelado e experiências nas áreas específicas que eles pretendiam lecionar (FERREIRA; CASTRO, 2006).

Para lecionar exigiam-se dos candidatos à vaga de docente a graduação, experiências e conhecimentos para uma determinada profissão, não precisava ter conhecimentos específicos em relação aos métodos de ensino, ao contrário, o docente precisava somente conhecer a prática, é aquela história, quem sabe, automaticamente, sabe ensinar (MASETTO, 2008, p. 11).

Analisando a literatura, pode-se concluir que o processo de ensino-aprendizagem e a relação com o conhecimento, era visto de forma bem diferente. Entende-se que o ensino superior de cento e sessenta e dois anos atrás não contribuiu para o crescimento intelectual do país. É entendível que se exigia dos docentes apenas a formação específica e a prática voltada para a transmissão de conhecimentos

2.2 O SISTEMA DE ENSINO SUPERIOR NO CONTEXTO ATUAL

Nos últimos anos o ensino superior, sofreu com as muitas mudanças da sociedade. Nesse contexto a universidade pede uma transformação, no que diz respeito à maneira da sociedade produzir, criando e difundindo seus valores de forma a promover a melhoria da condição humana em suas múltiplas dimensões (CARDOSO, 2004).

As mudanças que estão acontecendo são de tal magnitude que implicam reinventar a educação, em todos os níveis, de todas as formas. As mudanças são tais que afetam tudo e todos: gestores, professores, alunos, empresas, sociedade, metodologias, tecnologias, espaço e tempo (MORAN, 2008, p. 10).

Na visão de Ferreira (1990), para que tais mudanças aconteçam, é preciso que o ensino superior reinvente seus métodos, suas práticas, objetivos, currículo e até metodologias de aprendizagem. As instituições de ensino superior não se preocupam com o desenvolvimento integral e harmonioso da personalidade do aluno, o autor afirma ser de extrema importância, a universidade promover intervenções que visem o desenvolvimento total do estudante universitário.

De acordo com Almeida (1998), as aproximações que ocorrem no início do ensino superior, entre os alunos e o ambiente, servem de referência para uma melhor compreensão do ajustamento acadêmico e da realização dos estudantes do ensino superior. A qualidade da transição do ensino médio para o ensino superior vai depender tanto do desenvolvimento psicossocial do aluno, como também da instituição e dos mecanismos de apoio colocados à disposição deles.

As estratégias de adaptação podem envolver várias atividades com o objetivo de desenvolvimento pessoal do estudante, capacitando-o tanto para as suas aprendizagens acadêmicas como para o desenvolvimento da sua personalidade (CUNHA, 2004, p. 154).

Para que o estudante ingressante no ensino superior alcance o sucesso acadêmico é necessário que desenvolva as suas competências intelectuais, acadêmicas e pessoais, tais como: o estabelecimento e a manutenção de relações interpessoais, o sentido de identidade e o processo de tomada de decisão acerca da carreira (UPCRAFT & GARDNER, 1989).

Pimenta (2002) acredita que a educação, enquanto reflexo, retrata e reproduz a sociedade; ao mesmo tempo em que projeta a sociedade que se quer. O ensino superior não é um ensino descontextualizado, mas vem ao encontro dos anseios da sociedade, buscando responder às questões que mais intrigam, às dúvidas que mais aparecem, às necessidades de trabalho que precisam ser sanadas. E nesse movimento de pergunta/resposta o produto é a projeção para o futuro. Daí a importância e urgência de o ensino superior buscar esta atualização, de olhar em seus alunos futuros profissionais, que logo estarão atuando nesta sociedade. “[...] o ensino na universidade, por sua vez, constitui um processo de busca, de construção científica e de crítica ao conhecimento produzido, ou seja, ao seu papel na construção da sociedade” (PIMENTA, 2002, p. 164).

Pimenta (2002) ainda ressalta que à universidade cabe tratar o conhecimento/ciência, transformando-o em saber escolar, fazendo com que a síntese apresentada nas disciplinas em ação interdisciplinar seja traduzida ao nível de apreensão dos alunos, e efetivada em práticas pedagógicas que garantam a aprendizagem. Para isso, impõe-se uma mudança nas formas de organização de seus currículos.

Para Santos (2000), vivemos em um mundo extremamente competitivo, onde a universidade precisa se preocupar com o estudante universitário, promovendo condições para o seu desenvolvimento integral, tentando desenvolver suas potencialidades ao máximo, para que possa atingir seu nível de excelência pessoal e estar preparado para um papel atuante na sociedade.

Zabalza (2004) lembra que a formação da docência universitária precisa deixar de ser baseada no ensino para ser baseada na aprendizagem. O professor universitário precisa ter a dupla competência. Sendo a competência científica, que consiste em estar bem fundamentado no domínio de seus saberes e a competência pedagógica, que salienta o compromisso com formação e aprendizagem dos alunos. Sendo assim, o docente passa a conhecer como ocorre o processo de aprendizagem em seus alunos.

Conhecer é mais do que obter as informações. Conhecer significa trabalhar as informações. Ou seja, analisar, organizar, identificar suas fontes, estabelecer as diferenças destas na produção da informação, contextualizar, relacionar as informações e a organização da sociedade, como são utilizadas para perpetuar a desigualdade social. Trabalhar as informações, na

perspectiva de transformá-las em conhecimento, é primordialmente tarefa das instituições educativas (PIMENTA, 2002, p. 100).

Pimenta (2002) acredita que, dentro do contexto didático, o professor não consegue separar o ensinar do aprender, e que os sujeitos envolvidos neste processo complexo são o professor e o aluno mediante o conhecimento. Tanto o professor quanto o aluno universitário precisam ter consciência de que de todo ato de ensinar na sala de aula ocorre o aprender para que tenha valido a pena aquele momento. Não ocorre ensino sem aprendizagem e nem aprendizagem sem ensino. O professor não é mais o detentor máximo do conhecimento.

As IES precisam rever a perspectiva sobre seus acadêmicos, passar de um olhar passivo para um ativo, percebendo e incentivando-os a serem agentes do processo, capazes de pensar e agir.

Bortolanza (2002) diz que o mundo em que vivemos é construído simbolicamente pela mente, através da interação social com os outros e é extremamente dependente do contexto, do costume e da especificidade cultural. A transformação não acontece do dia para a noite, e muito menos sem que haja rompimentos, perdas, ganhos, avanços, recuos. O docente deve empenhar-se numa luta árdua para obter êxito, que se verificará plenamente em longo prazo. O ser humano é um ser incompleto, o que o torna capaz de buscar sempre mais, de na interação social abrir-se ao novo, ao desconhecido, e de se lançar para novas descobertas alcançando a inovação dentro deste processo. O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder aos outros.

O trabalho do professor é fazer a mediação entre as informações e o que o aluno vai fazer com elas. A pedagogia diz respeito aos investimentos intelectuais, emocionais e éticos que fazemos como parte da nossa tentativa de negociar, acomodar e transformar o mundo em que vivermos (BORTOLANZA, 2002, p. 33).

De acordo as considerações dos autores, tratando de formação de profissionais e futuros profissionais, a educação não tem apenas a finalidade de delimitar se um conteúdo aprendido será lembrado meses mais tarde, mas até que ponto aquilo que foi aprendido ajudará o aluno a resolver problemas novos e a enfrentar situações diferentes daquelas encontradas comumente em sala de aula. Conscientes, docentes e discentes fazem-se sujeitos da educação. O saber-fazer pedagógico, por sua vez,

possibilita ao educando a apreensão e a contextualização do conhecimento científico elaborado (PIMENTA, 2002, p. 165).

3 EVASÃO UNIVERSITÁRIA

Números do censo do ensino superior divulgados pelo Ministério da Educação (MEC) em dezembro de 2010, mostraram que de 2008 para 2009, 896.455 estudantes abandonaram o ensino superior no Brasil, o que representa uma média de 20,9% do total de alunos que cursavam o ensino superior no país.

Segundo o censo, nas universidades públicas, 114.173 alunos largaram os cursos, o que representa 10,5% dos matriculados. Já nas IES particulares, o total foi de 782.282 alunos, isto significa que 24,5% dos estudantes se evadiram. O pesquisador do Instituto Lobo para o Desenvolvimento da Educação, da Ciência e da Tecnologia, Oscar Hipólito, revelou que as perdas financeiras decorrentes da evasão no ensino superior em 2009 chegaram a cerca de R\$ 9 bilhões.

O pesquisador afirma que existem vários motivos que levam o estudante a abandonar o ensino superior, e um dos principais é a dificuldade para pagar a faculdade e se manter durante o curso. Para Hipólito, provavelmente, por este motivo a Educação a Distância (EAD) esteja crescendo tão rapidamente. Com a possibilidade de alcançar localidades mais distantes, cursos com preços acessíveis e horário diferenciado, essa modalidade está em plena ascensão. Analisando as informações do censo, observa-se que o grande problema da evasão está no ensino presencial. A pesquisa revelou que 52,8% dos estudantes que concluiriam o ensino superior em 2009, no curso tradicional, não se formaram.

Muitos alunos têm que dividir seu tempo entre a faculdade e o trabalho, e são vencidos pelo cansaço, optando pelo dinheiro necessário à sobrevivência. Outros são afetados com o problema da moradia, tendo que arcar com o alto preço dos aluguéis ou das passagens, sem falar no tempo despendido por aqueles que moram longe da escola. Isso leva à evasão universitária e ao baixo rendimento dos alunos (KAFURI; RAMON, 1985, p. XX).

Em 2003, o então presidente Luís Inácio Lula da Silva, que não tem formação acadêmica, realizou investimentos na educação superior, houve então o lançamento do Programa Universidade para Todos, o ProUni, que concede bolsas de estudo integrais e parciais a estudantes de baixa renda em cursos de graduação, em

instituições privadas de ensino superior, este fato aumentou o número de estudantes matriculados na IES privadas.

Atualmente existem cerca de 7 milhões de universitários no Brasil, de acordo com números recentes do MEC. Segundo Carlos Alberto Chiarelli, ex-ministro da Educação, doutor em Direito e presidente da ACED (Associação da Cadeia Produtiva de Educação a Distância), a meta oficial é chegar em 2015 com 15 milhões de estudantes de nível superior. Chiarelli, afirma que, para o país alcançar este objetivo, um grande obstáculo que precisa ser neutralizado, é a evasão.

Infelizmente, a evasão nas universidades, vem se tornando cada vez mais freqüente e todo o mundo. Esse fenômeno ocorre independente das características culturais ou sócias. A África do Sul, por exemplo, apresenta uma taxa de 40% de abandono dos estudantes universitários no primeiro ano de graduação. Segundo Macgregor (2007) entre as principais causas deste abandono, estão a baixa escolaridade e renda da família na qual estão inseridos.

De acordo com Garner (2007), no continente europeu, a Irlanda apresenta a menor taxa de evasão universitária, seguida pela Inglaterra. Em termos mundiais, o país com a menor taxa de evasão é o Japão.

Segundo Almeida e Veloso (2002), no Brasil existe um problema que se apresenta em algumas situações, se trata do baixo desempenho ensino médio, que reflete no desempenho das primeiras disciplinas do curso superior. Outro fator seria o fato de o aluno buscar o curso de baixa demanda com o objetivo de, após ter ingressado, procurar o curso de sua verdadeira opção, através da transferência interna.

Uma causa que Vieira e Frigo (1991) apontam é o fato de muitos universitários serem “trabalhadores-estudantes”, em que a dificuldade de conciliar o trabalho, que é o meio necessário para a subsistência, com os estudos, muitas vezes torna-se inviável.

Para Vieira e Frigo (1991) a principal causa da evasão poderia ser a reforma do antigo ensino de 2º grau, que viabilizou o ingresso precoce de muitos jovens nas universidades, quando ainda desconhecem todo o potencial de suas aptidões, motivações e interesses, isso acaba levando à escolha prematura de um curso.

Silva (2006) indica que a magnitude da evasão está diretamente relacionada com a qualificação do corpo docente e não somente ao status socioeconômico dos estudantes. Ainda, para ele, os jovens amadurecem mais tarde e algumas vezes fazem escolhas prematuras no que diz respeito ao seu futuro profissional, sendo que muitos deles sofrem da síndrome da adolescência prolongada e que por volta dos trinta anos muitas pessoas revêem seus objetivos de vida.

A evasão no início do curso estaria, normalmente, relacionada à dificuldade do aluno em se adaptar as exigências dos professores e à mudança do ensino médio para o superior. Já quando os alunos evadem por volta do quarto e do sexto semestres, geralmente é porque começaram a se questionar sobre o sentido da profissão (THEÓPHILO; MORAES, 2005, p. 6).

Barreiro e Terribili (2007) defendem que com a fase da globalização financeira, vivida pelas sociedades modernas, a educação universitária está sendo considerada como um dos fatores primordiais, para que os indivíduos se insiram no mercado de trabalho. Por consequência deste pensamento, estão presentes as premissas econômicas de racionalização dos gastos públicos, para dotar de maior eficiência os sistemas educativos. Após a década de 90 passaram a existir várias mobilizações nos sistemas públicos de ensino, no que diz respeito ao ensino superior, com o intuito de contribuir para o aumento de estudantes graduados. Nesse contexto, a própria sociedade vem cobrando um aumento contínuo do número de vagas intensificado pela globalização.

A administração pública deve atender à sociedade, não privilegiando determinados grupos, e ter programas universais que proporcionem a reversão das desigualdades sociais. O processo de definição de políticas públicas reflete os vários interesses dos círculos de poder entre o Estado e a sociedade, tendo em vista que certos grupos organizados politicamente exercem o poder de pressão e articulação no processo de estabelecimento de seus pleitos em busca da ampliação de seus direitos sociais (DI PIERRO, 2004, p. 20).

Porém, Segundo Barreiro e Terribili (2007) infelizmente muitas instituições estão vendo a educação como um segmento de comércio, visto que há uma legislação e políticas que incentivam os empresários a investirem na educação superior, mas sem se preocupar com pontos importantíssimos, por exemplo a exigência na qualidade da formação de professores.

4 MOTIVOS QUE LEVAM OS ALUNOS A DESISTIREM DO ESTUDO

A evasão universitária pode estar relacionada a diversos fatores, Paredes (1994), divide tais fatores em dois grupos: internos e externos. Os fatores internos são aqueles ligados ao curso. Já os fatores externos relacionam-se ao aluno, tais como: vocação, aspectos socioeconômicos e problemas de ordem pessoal.

Logo, o termo insucesso escolar é ainda mais destrutível, porquanto encerra várias ideias, a ideia que o aluno “fracassado” não progrediu praticamente nada, nem no âmbito dos seus conhecimentos escolares nem ao nível pessoal e social, o que não corresponde em absoluto à realidade. Porque o termo fracassado oferece uma imagem negativa do aluno ao mesmo tempo em que centra neste toda responsabilidade do insucesso escolar, esquecendo a responsabilidade escolar “de outros agentes como as condições sociais, a família, o sistema educativo ou a própria escola”.

Portanto, a crueldade do sistema autoritário de avaliação, a arrogância de alguns professores, a falta de compromisso político com a profissão entre outros fatores, levam um grande número de alunos a abandonar a escola. Pois quando a avaliação é trabalhada na função classificatória, ela se torna uma arma poderosa nas mãos de quem quer oprimir o outro, pois quando ela reprova, atinge violentamente um dos pontos mais delicados do homem que é a sua autoestima, sendo o indivíduo taxado de incapacitado e deficiente para prosseguir os estudos e conseqüentemente essa condição o leva a infelicidade, sentimento de inferioridade e desânimo.

4.1 FATORES EXTERNOS QUE LEVAM A EVASÃO NO ENSINO SUPERIOR

É notória que uma boa escola é aquela que permite a entrada do aluno e sua permanência nela até o seu nível de terminalidade. A escola é uma instituição fundamental para promover igualdade, proporcionar o desenvolvimento dos saberes básicos, contribuindo para inclusão social e econômica do cidadão, independentemente de sua origem social, promovendo o aprendizado de qualidade para todos. É programar políticas públicas que impactem o cotidiano da escola, onde o aprendizado efetivamente aconteça.

4.2 FALHAS NA TOMADA DE DECISÃO EM RELAÇÃO AO CURSO

Raramente um candidato a uma vaga em curso universitário tem informações completas sobre a carreira pretendida. O estudante do último ano do Ensino Médio ou de cursinho preparatório decide-se por determinado curso, mas nem sempre essa escolha é a correta. Um estudo realizado na Universidade de São Paulo (USP) mapeou as causas da evasão no ensino superior. A pesquisa constatou que quase metade dos estudantes que desistem da graduação teve problemas no momento da escolha. O estudo mostrou que, por pressões dos pais, por baixa concorrência no vestibular, por falta de informação sobre a faculdade ou sobre o mercado, 44,5% dos alunos acabam abandonando o que era seu sonho de realização profissional.

A desistência por volta do quarto ao sexto semestre deve-se ao questionamento sobre o sentido da profissão. Neste estágio a angústia que os estudantes sentem é muito grande, pois eles já frequentaram boa parte do curso. No final do curso, a desistência se deve ao mercado de trabalho e a busca de emprego (MEC/ SESU, N°4/1997).

A opção pelo curso é fator que interfere na aprendizagem do acadêmico de forma que, se for feita a opção pela vocação profissional, o interesse é maior; caso contrário, o processo de aprendizagem pode ficar comprometido. O ideal, da parte dos alunos, é que primeiro frequentassem o curso que gostariam, não o que é mais barato e noturno. O tempo para estudo e pesquisa deveria ser proporcionado para todos, tanto para aqueles que residem na cidade da sede da universidade quanto para os que precisam viajar muitos quilômetros para chegar à aula. Como se pode perceber, os fatores acima elencados não acontecem de forma isolada ou estanque.

[...] os problemas de aprendizagem não são restringíveis nem a causas físicas ou psicológicas, nem às análises das conjunturas sociais. É preciso compreendê-los a partir de um enfoque multidimensional, que amalgame fatores orgânicos, cognitivos, afetivos, sociais e pedagógicos, percebidos dentro das articulações sociais (SCOZ, 1994, p. 22).

4.3 PROBLEMAS PESSOAIS

Problemas de saúde do aluno ou na família podem levar a evasão. Normalmente quando o estudante começa a fazer um tratamento de saúde demorado, ou sofre algum trauma que exige repouso prolongado, acaba desanimando e desistindo do curso (KAFURI; RAMON, 1985).

A evasão universitária do sexo feminino muitas vezes está relacionada ao casamento não planejado, à gravidez ou ao nascimento de filhos. Este fato é mais comum entre aquelas que possuem menos condições financeiras (TABAK, 2002).

4.4 DIFICULDADES ESCOLARES

A formação escolar de muitos acadêmicos é precária devido à deficiência do sistema de ensino básico do país, este é um fator determinante das dificuldades por eles enfrentadas. Muitos desses alunos não gostam de pesquisar, não aprendem a se expressar coerentemente tendo dificuldades em se integrar no curso (MEC/ SESU, 1997; MORAN, 2007).

A adaptação à universidade exige dos acadêmicos, ao nela ingressar, adaptações tanto em nível pessoal, como social e acadêmico a uma nova realidade. A transição do ensino médio para o ensino superior implica, no que tange às tarefas de ordem acadêmica, a adoção de conhecimentos adequados às novas exigências com que os alunos se deparam. A não adaptação pode gerar dificuldades na aprendizagem, resultando em fracasso escolar.

Segundo Bortolanza, o ensino, a aprendizagem e a avaliação são interdependentes e estão diretamente ligados ao in\sucesso escolar. A aprendizagem ocorre na individualidade e nas interações. O instrumento usado para avaliar ainda está muito ligado à escola tradicional.

[...] O que impede ou retarda a aprendizagem do aluno, de reavaliar métodos de estudo, relação entre saber e poder, identidade e projeto pessoal, condições e história de vida, ambiente familiar e profissional, itinerário educacional (BORTOLANZA, 2002, p. 50).

5 DESCONTENTAMENTO COM O CURSO

O estudante se sente desestimulado com as frustrações das expectativas em relação à sua formação. Devido a isto o índice de evasão é alto em cursos que são menos concorridos e muitos desistem para ingressar em outros com mercado de trabalho mais atraente. (MEC/ SESU, 1997). Verifica-se que a desmotivação ocorre logo nos primeiros anos de curso quando o vínculo do aluno com a instituição ainda é frágil.

Em todo o mundo, a taxa de evasão no primeiro ano de curso é duas a três vezes maior do que a dos anos seguintes (TABAK, 2002).

Acontece também a descoberta de novos interesses, o que ocorre principalmente com os que tomaram uma decisão precipitada. Na trajetória acadêmica, com o amadurecimento pessoal e / ou profissional, o aluno pode passar a se interessar por outra área, evadindo-se do curso inicial (MEC/ SESU, 1997).

5.1 RAZÕES SOCIOECONÔMICAS

Dados oficiais do MEC/INEP (2009) mostram que, de modo geral, as IES consideram como principal razão da evasão a dificuldade dos acadêmicos em conciliar estudo e trabalho. Muitos acabam optando pelo trabalho que lhes garante sobrevivência. Existe também o fator moradia, onde muitas vezes o estudante tem que se mudar para a cidade onde está situada a universidade. Neste caso, as dificuldades para arcar com as despesas, com os gastos provenientes de transporte, outros por não terem tempo para as viagens rotineiras para visitar a família, fazem com que alguns desistam do curso.

Outros são afetados com o problema da moradia, tendo que arcar com o alto preço dos aluguéis ou das passagens, sem falar no tempo despendido por aqueles que moram longe da escola. Isso leva à evasão universitária e ao baixo rendimento dos alunos (KAFURI; RAMON, 1985).

5.2 FATORES INTERNOS QUE LEVAM A EVASÃO NO ENSINO SUPERIOR

Segundo Nunes (2005), o modelo de gestão das IES foi desenvolvido para captação, e não para a retenção de alunos, tendo em vista que, historicamente, a demanda vinha superando a oferta. A perda de alunos ainda é tratada como uma decorrência natural, sendo aceitável, dentro das instituições, que os alunos sem condições – acadêmicas, financeiras ou psicológicas – não concluam o Ensino Superior. Para Nunes, esta visão está totalmente equivocada e precisa ser corrigida.

5.3 EXIGÊNCIA DOS PROFESSORES

Muitos alunos chegam as IES, totalmente despreparados, por terem vindo de escolas com baixa qualidade de ensino. Isto causa uma enorme distância entre o conhecimento existente e o conhecimento exigido pelas instituições nas disciplinas do primeiro semestre, eles não conseguem acompanhar o curso e abandonam (CAPELATO, 2008).

Entendendo que os primeiros períodos do curso são os que exercem maior impacto sobre o universitário, os professores, principalmente destes períodos, deveriam desenvolver práticas metodológicas qualificadas, motivadoras e significativas para que o acadêmico interagisse com os professores e colegas, criando um vínculo com a instituição de ensino (BARDAGI, 2007).

Neste sentido é extremamente importante ressaltar as barreiras na hora da adaptação e o baixo rendimento acadêmico dos estudantes no ensino superior. É consenso entre os especialistas que na transição do ensino médio para o ensino superior o estudante vivencia várias mudanças que geram diversos problemas de ajustamento acadêmico, resultado das experiências concomitantemente entre às exigências colocadas pelo contexto e às características dos próprios alunos. As que estas dificuldades influenciam negativamente no rendimento acadêmico, aumentam os índices de evasão e de pedidos aos serviços de apoio psicossocial.

A maioria dos estudantes que ingressam no ensino superior traz consigo uma expectativa positiva em relação a sua futura experiência acadêmica. E, a discordância entre estes sentimentos e pensamentos e o que a universidade efetivamente pode oferecer gera uma fonte de dificuldades refletida na adaptação, na satisfação e no sucesso acadêmico (BERDIE, 1966).

O autor defende que um processo de adaptação bem sucedido, especialmente no 1º ano, aparece como um fator importante da persistência e do sucesso dos alunos ao longo das suas experiências acadêmicas, bem como determina padrões de desenvolvimento estabelecidos pelos alunos ao longo de sua vida universitária. O primeiro ano da graduação ao curso superior é considerado um período crítico, pois exige adaptação e integração ao novo ambiente. O modo como é vivenciada esta

experiência depende tanto do apoio da universidade como das características individuais de cada um.

Integrar-se num grupo, assimilar e assumir uma cultura universitária é uma tarefa complicada para os estudantes. Os jovens enfrentam dificuldades em vários níveis sociocognitivos e dilemas interiores, os quais, não raro, os fazem parar de aprender (BORTOLANZA, 2002 p. 57).

Outro fator a ser considerado, e que pode contribuir para a evasão, é o processo educacional. O aluno está acostumado a um processo bem diferente do adotado na universidade. O aprendizado adquirido anteriormente consiste em memorização, o que não contribui para a formação de um espírito investigador. Na universidade, o aluno tem que pesquisar para criar seus próprios textos em vez de copiá-los. Assim, o aluno sofre um impacto na forma como as disciplinas são ministradas, podendo perder o interesse pelo curso.

[...] na escola crítica busca-se luz para analisar o objeto de pesquisa, conduzindo a linha de pensamento para a luta construtiva da auto-emancipação e mudança social. Esta teoria fornece direção histórica, cultural, ética, política e pedagógica para o viver e o saber fazer pedagógico e psicopedagógico na universidade (BORTOLANZA, 2002, p. 29).

As pesquisas nesta área demonstram que mais da metade dos alunos que ingressam no curso superior revelam dificuldades pessoais e acadêmicas, havendo um aumento dos níveis de psicopatologia da população universitária. Além do mais, muitos professores não possuem formação didático-pedagógica para ministrar aulas, sendo extremamente tecnicistas, não estimulando a participação e a busca de conhecimentos (NEGRA, 1999).

5.4 REPROVAÇÃO EM UMA OU MAIS DISCIPLINAS

Após a reprovação em uma ou mais disciplinas os alunos são mais propensos a desistirem de seus cursos, segundo o MEC/ SESU N°4/1997, a falta de monitorias aumenta ainda mais os índices de reprovação. Muitos desistem por apresentar dificuldades de rendimento em algumas disciplinas fundamentais de seus cursos.

5.5 INFRA-ESTRUTURA

Segundo o MEC/ SESU N°08/2007, existe uma carência de infraestrutura nas IES Brasileiras, o que interfere negativamente nos altos índices de evasão. Problemas

como insuficiência ou inexistência de laboratórios de ensino e de informática, bibliotecas, ambiente e qualidade das instalações, são motivos relevantes que afetam o desempenho dos estudantes no que diz respeito ao aproveitamento escolar e a satisfação com curso.

São raras as IES brasileiras que possuem uma assistência institucional profissionalizada de combate à evasão. Esta pode ser um reflexo da falta de uma política de permanência do aluno no curso e irá continuar enquanto as instituições não se preocuparem em combatê-la (VELOSO; ALMEIDA, 2001; SILVA FILHO et. al, 2007).

5.6 FALTA ASSISTÊNCIA AOS ALUNOS DE BAIXA RENDA

O Sindicato das Entidades Mantenedoras de Estabelecimentos de Ensino Superior no Estado de São Paulo (SEMESP) realizou uma pesquisa que indicou que o um número de evasões nas instituições de ensino superior privadas em 2008 foi o maior já registrado. Para o presidente do SEMESP, Hermes Figueiredo à medida que cresce a oferta de vagas do setor privado, a mensalidade média cai também para a inclusão das classes C e D com menor poder aquisitivo. Mesmo com os programas de financiamento estudantil, a falta de uma política para manter esse aluno de baixa renda na universidade, além da dificuldade de acompanhamento que esse jovem encontra, provocada pela deficiência no ensino básico, são alguns dos fatores que contribuem para o crescimento da evasão.

6 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO ENSINO SUPERIOR

Atualmente discute-se muito sobre a necessidade da escola formar cidadãos. Bortolanza (2002) diz que integrar-se num grupo, assimilar e assumir uma cultura universitária é uma tarefa complicada para os estudantes. Os jovens enfrentam dificuldades em vários níveis e dilemas interiores, os quais os fazem parar de aprender. As dificuldades enfrentadas pelos estudantes ainda não têm despertado nos professores universitários uma preocupação que os leve a uma reavaliação de seus métodos, práticas, avaliação. A intencionalidade política, na conscientização e emancipação de cidadãos, como instrumental para provocar mudanças nas práticas e relações sociais e educativas (BORTOLANZA, 2002, p. 30).

Para Bortolanza (2002) o aluno deve buscar na formação universitária uma visão de mundo, assim como o meio acadêmico tem a necessidade de torná-lo capaz de ir

além do que já conhece, incitá-lo a desafios cada vez maiores, transpor obstáculos, participação política em sala de aula, expor suas ideias. A universidade é um espaço profundamente político e normativo, e não deveria ser considerada apenas como um local onde se adquire conhecimento, com intuito de conseguir uma vaga no mercado de trabalho.

Bortolanza (2002) complementa defendendo que o processo de educação não pode acontecer separado do processo material da existência. A partir do momento em que o aluno percebe que dentro da sala de aula tem voz e vez, vai tomando consciência de que na sua casa, no seu trabalho, na comunidade em que vive pode ser agente transformador da sua história e capaz de intervir no mundo. Deve-se ter presente o todo, o aluno deve ser visto como ser que pensa, que sente, que existe, tem sonhos, aspirações. Para o autor, também é preciso que o estudante entenda que tudo que faz parte do seu cotidiano, de alguma forma também determina, em parte, o seu aprendizado, isto inclui sua cultura, seus costumes, sua comunidade e sua vivência no trabalho.

Uma formação crítica e integral permite e faz com que o aluno participe ativamente das aulas, se questione a respeito de “como o conhecimento é produzido e distribuído, e se interesse ainda mais, se os temas forem significativos (BORTOLANZA, 2002, p. 31).

Pimenta (2002) argumenta que dentro do contexto de sala de aula, os professores devem interpretar seus alunos como serem únicos, como indivíduos que possuem necessidades específicas. Cada estudante tem uma história de vida, e passou por situações individuais que devem ser consideradas na hora de avaliar a capacidade de aprender. O professor necessita selecionar os conteúdos que não sejam portadores de ideologias destruidoras de individualidades ou que venham atender a interesses opostos aos indivíduos (MENEGOLLA, 1989, p. 28).

Desta forma Pimenta defende que o método de ensino ou o ato de ensinar tem especificidade própria e não comporta modelos preestabelecidos com etapas a serem seguidas. Por tanto o professor deve rever a própria prática, buscando sempre aperfeiçoar seus conhecimentos. A interagir com os alunos, auxilia na diminuição de muitos problemas, como as dificuldades de aprendizagem, o insucesso escolar.

A profissão de professor exige de seus profissionais alteração, flexibilidade, imprevisibilidade. Não há modelos ou experiências modelares a serem aplicadas. A experiência acumulada serve apenas de referência, nunca de padrões de ações com segurança de sucesso. Assim, o processo de reflexão, tanto individual como coletivo, é a base para a sistematização de princípios norteadores de possíveis ações, e nunca de modelos (PIMENTA, 2002 p. 199).

Segundo Connel (1999) estudantes de classe sociais mais baixa, em geral possuem mais dificuldade de aprender e conseqüentemente têm menos êxito se avaliados através dos procedimentos convencionais de medidas. Isto acontece porque, perde-se a função da escola no que tange à responsabilidade de transmitir o saber, associado às trocas de experiências entre os sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Para Castro (2006) acompanhar o aluno em todo o seu aprendizado, enquanto sujeito individual e social ainda constitui uma prática válida no sistema educacional. Assim, todo o saber criado em sala de aula e na troca de experiência entre educando e educador, passa a contribuir para construção de um modelo de ensino-aprendizagem. A escola deve inovar constantemente e tomar para si a proposta pedagógica e curricular. A troca de experiência por meio mútuo dos conhecimentos compartilhados, é o caminho para a excelência educacional.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, buscou-se obter informações para compreender os motivos do abandono dos estudos no ensino superior. Pôde-se interpretar que a desistência dos estudantes representa desperdícios sociais, acadêmicos e econômicos, para o aluno evadido e principalmente para as IES, e observa-se que pouco tem sido feito para combatê-la.

O fenômeno da evasão no ensino superior não possui fator único, encontram-se na referida pesquisa, causas externas e internas às IES. Os fatores internos são aqueles ligados ao curso. Já os fatores externos relacionam-se ao aluno, tais como: vocação, aspectos socioeconômicos e problemas de ordem pessoal.

É razoável entender-se que as IES necessitam analisar mais minuciosamente as causas da evasão e juntamente com o governo, desenvolver projetos que minimizem esse fenômeno.

Já nos tempos passado o índice de evasão era assustador, hoje não é diferente essa situação, o Jovem e Adulto vem enfrentando um grande desafio diante de tantos obstáculos, devido situação financeira fraca, o trabalho pesado durante o dia, as vezes não consegue nem se quer tomar um banho, ou até mesmo se alimentar antes de ir para a escola. O cansaço físico, a preocupação de acordar cedo no dia seguinte para outra jornada trabalho e, leva o indivíduo a desistir de estudar e, conseguir uma vaga no mercado de trabalho.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Edson Pacheco; VELOSO, Tereza Christina M. A. Evasão nos cursos de graduação da Universidade Federal de Mato Grosso, campus universitário de Cuiabá - Um processo de exclusão. **Série-Estudos - Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB**, Campo Grande, MS, n. 13, p. 133-148, jan./jun., 2002. Disponível em: <<https://www.serie-estudos.ucdb.br/serie-estudos/article/view/564>>. Acesso em: 10 jan. 2021.
- BARREIRO, I. M. F.; TERRIBILI FILHO, A. Educação superior no período noturno no Brasil: políticas, intenções e omissões. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.15, n.54, p. 81-102, jan./mar. 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ensaio/a/WnMFpkfPh4JXD5w7KTyrdhP/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2021.
- BORTOLANZA, M. L. **Insucesso acadêmico na Universidade abordagens psicopedagógicas**. Erechim/RS: Edifapes, 2002.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação?** São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BRASIL. Ministério da Educação (MEC). **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais**. *Sinopses do ensino superior. Censos do ensino superior*. Comunicações pessoais. Disponível em: <www.inep.gov.br>. Acesso em: 10 ago. 2011.
- CARDOSO, C. B. **Efeitos da política de cotas na Universidade de Brasília: uma análise do rendimento e da evasão**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, Brasília DF, 2008. Disponível em: <https://www.repositorio.unb.br/bitstream/10482/1891/1/2008_ClaudeteBatistaCardoso.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2021.
- CUNHA, A. M. **A interpretação do aluno evadido**. Química Nova, São Paulo, v. 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/qn/a/N67XK4g46ckwYKq7bBFhVvH/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2021.
- DI PIERRO, M. C. Descentralização, focalização e parceria: uma análise das tendências nas políticas públicas de educação de jovens e adultos. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, SP, v. 27, n. 2, p. 321-337, jul./dez., 2001. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/ymnrxqhRj7KXD5mtckWrnfv/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2021.
- FERREIRA, Luciana Dias Vieira; CASTRO, Marcia Nardelli Monteiro de. TD&E a distância: múltiplas mídias e clientelas. *In: ABBAD, Gardênia da Silva (Org.)* **Treinamento, desenvolvimento e educação em organizações e trabalho: fundamentos para a gestão de pessoas**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 26 ed., Rio de Janeiro-RJ: Paz e Terra, 2001.

KAFURI, Roberto; RAMON, Saturnino Pesquero. **1º Grau – casos e percalços: pesquisa sobre evasão, repetência e fatores condicionantes**. Goiânia: UFMG, 1985.

KOTLER, P.; FOX, Karen, F. A. **Marketing estratégico para instituições educacionais**. São Paulo: Atlas, 1994.

MASETTO, M. T. **Competência Pedagógica do Professor Universitário**. São Paulo: Summus Editorial, 2003.

MENEGOLLA, M. **Didática: aprender a ensinar**. 5 ed. São Paulo: Loyola, 1999.

MORAN, José Manuel; BOF, Alvana; MORAES, Marialice de. **Formação de Tutores em Educação a Distância**. Florianópolis: SEaD/UFSC, 2008.

NUNES, Getúlio Tadeu. **Abordagem do marketing de relacionamento no ensino superior**: Um estudo exploratório. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/102362/225160.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 20 jan. 2021.

PAREDES. A. S. **A Evasão do terceiro grau em Curitiba**. São Paulo: NUPES, 1994.

PIMENTA, S. G. **Docência no Ensino Superior**. São Paulo: Cortez, 2002.

SANTOS, G. L. **Quando adultos voltam para a escola**: o delicado equilíbrio para obter êxito na tentativa de elevação da escolaridade. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2003.

SCOZ, B. **Psicopedagogia e Realidade Escolar**: o problema escolar e de aprendizagem. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

SILVA, Luiz Eduardo Potech de Carvalho et al. **Propostas para uma Universidade no Terceiro Milênio**. Rio de Janeiro: FUJB, 2005.

SILVA, Renato. *Deserción: Competitividad ó Gestion*. **Revista Lasallista de Investigación**. Colômbia, v.2, n. 2, 2006. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/695/69520211.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2021.

SOUZA, Paulo Nathanael Pereira de. **Estrutura e Funcionamento do Ensino Superior Brasileiro**. São Paulo: Pioneira, 1991.

TABAK, F. **O laboratório de Pandora**: estudos sobre a ciência no feminino. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

VELLOSO, J. R. **Perfil social, desempenho e chances em vestibulares com cotas**. Brasília: NESUB e Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, 2007.

VIEIRA, Edemundo R.; FRIGO, Lerci P. **Evasão dos cursos de graduação da UFRGS em 1985, 1986 e 1987**. 1 ed., Porto Alegre: UFRGS, 1991.

ZABALZA, M. **O ensino universitário: seu cenário e seus protagonistas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.